

A POÉTICA LITERÁRIA DE PAULINA CHIZIANE EM *O ALEGRE CANTO DA PERDIZ*

Tatiane Carvalho da Costa¹
Paulo Marchiori Corte²
Rauany Lopes Gomes³
Jesuino Arvelino Pinto⁴

Resumo: O presente trabalho aborda aspectos da poética de Paulina Chiziane no romance *O alegre canto da perdiz* (2008), e apresenta, nesse processo, vestígios da formação identitária do povo moçambicano a partir de uma literatura genuinamente moçambicana. Dessa forma, investiga o contexto histórico da literatura moçambicana para traçar o processo de assimilação com a memória da população de Moçambique, a partir da obra de Chiziane, contribuindo, desse modo, para o resgate da memória e da identidade da cultura do povo moçambicano. Para isso, dialoga com estudiosos como Brait (2012), Boahen (2010), Leite (2012), entre outros.

Palavras-chave: literatura africana; Paulina Chiziane; Moçambique; Colonialismo.

PAULINA CHIZIANE LITERARY POETICS IN *O ALEGRE CANTO DA PERDIZ*

Abstract: This paper addresses aspects of the poetics of Paulina Chiziane in the novel *O alegre canto da perdiz* (2008), and presents, in this process, traces of the identity formation of the Mozambican people from a genuinely Mozambican literature. In this way, it investigates the historical context of Mozambican literature to trace the assimilation process with the memory of the Mozambican population, based on Chiziane's work, thus contributing to the rescue of the memory and identity of the people's culture. Mozambican. For this, she dialogues with scholars such as Brait (2012), Boahen (2010), Leite (2012), among others.

Keywords: african literature; Paulina Chiziane; Mozambique; identity; colonialism.

Introdução

Pesquisar sobre os aspectos da literatura moçambicana nos tempos atuais nos leva a observar que, por mais que a África tenha defendido suas origens identitárias, no período colonial, ainda, em pleno século XXI, existem vestígios de representações

¹ Bolsista CAPES-Demanda Social. Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Letras, Linha de Pesquisa “Estudos Literários”, UNEMAT, Campus de Sinop. *E-mail:* tatiane.carvalho@unemat.br

² Mestrando do Programa de Pós-Graduação em Letras, Linha de Pesquisa “Estudos Literários”, UNEMAT, Campus de Sinop. *E-mail:* marchiori.corte@unemat.br

³ Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Letras, Linha de Pesquisa “Estudos Literários”, UNEMAT, Campus de Sinop. *E-mail:* rauany.gomes@unemat.br

⁴ Doutor em Estudos Literários. Docente Permanente do do Programa de Pós-Graduação em Letras, Linha de Pesquisa “Estudos Literários”, UNEMAT, Campus de Sinop. *E-mail:* jesuino.pinto@unemat.br

estereotipadas propagados pelos colonizadores. Nesse contexto, acreditamos que a literatura promove a ruptura com esse tipo de ideologia ao valorizar a ancestralidade africana.

Nesse sentido, quando falamos em literatura moçambicana que valoriza a ancestralidade africana, a autora Paulina Chiziane é um importante nome nesse contexto, uma vez que seus escritos apresentam um cenário literário em que o sofrimento causado pelo colonialismo e suas consequências afetam, até os dias de hoje, a memória histórica e sociocultural do povo moçambicano.

Neste trabalho, procuramos abordar alguns aspectos históricos e culturais presentes na obra *O Alegre canto da perdiz* (2008), de Paulina Chiziane, refletindo vestígios da construção da identidade do povo moçambicano na obra supracitada, posto que ela mobiliza aspectos da identidade e da memória coletiva do povo moçambicano.

Para realização deste trabalho, optamos pela relação dialógica entre o discurso literário e o histórico para identificar elementos da história do povo moçambicano e do processo de resistência durante o período colonial, representados na obra de Paulina Chiziane. Com isso, percorremos alguns traços da construção da identidade dos povos moçambicanos a partir de uma realidade social que converge para a desconstrução do africano como colonizado e selvagem.

Nessa direção, apresentamos um breve histórico da literatura moçambicana, com finalidade de resgatar os principais aspectos literários desse gênero. Posteriormente, expomos alguns elementos presentes na obra *O alegre canto da perdiz*, de Paulina Chiziane, - que evidenciam o contexto histórico de Moçambique durante e após o período colonial.

Acreditamos que a compreensão do contexto histórico da obra nos permite entender as principais matrizes que influenciam a literatura moçambicana. Logo, esperamos que este trabalho contribua cientificamente para a compreensão do processo intercultural e de reconhecimento da cultura moçambicana.

Literatura moçambicana, memória e identidade

A literatura é um espaço que permite ao leitor conhecer as diversas estruturas linguísticas de utilização das línguas. Segundo Brait, “[...] o fazer literário e o fazer

poético aparecem como construção em que a língua, escrita ou oral, é mobilizada e explorada para expressar e justificar a existência humana” (BRAIT, 2012, p. 42).

Dessa forma, é por meio do processo literário que os povos têm a possibilidade de registrar e representar seus valores culturais em histórias, relatos, entre outros processos de reconstrução do passado que se eternizam na língua, seja ela escrita ou oral.

A literatura moçambicana de língua portuguesa foi marcada por um processo de colonização que causou aculturação dos valores e das origens dos povos africanos, tendo em vista que “[...] a relação com o corpo linguístico começa a manifestar-se pelas diferentes falas com que os escritores africanos se assenhoraram da língua” (LEITE, 2012, p. 138).

Durante o período de colonização, a literatura representava o colonizador como salvador e protagonista da civilização, enquanto o negro era colocado em um sistema de opressão e inferioridade.

Moçambique foi um dos países afetados por esse sistema de aculturação colonial, e somente em 1975 ocorreu a renovação dos escritos literários. A partir da independência de Moçambique, a literatura moçambicana buscou inovar e resgatar os valores, tradições, os efeitos do sistema colonial sobre o povo oprimido e representado por muito tempo como inferior e selvagem. Sobre a literatura moçambicana. Nesse sentido, Mendes (1980, p. 179) observa:

Os escritores moçambicanos encetaram os primeiros passos para se organizarem como força ao serviço da nova sociedade que estamos a construir. A escolha é clara e impõe-se porque o escritor moçambicano participa ativamente na reconstrução nacional e sabe que para todos os trabalhadores - e ele é-o também, usando como ferramenta a palavra - a comparticipação por direito próprio no património universal exige como condição básica a realização e consolidação no nosso espaço político, económico e, sobretudo, cultural, da verdadeira independência. Entendemos que a literatura tem o seu lugar, o seu papel e a sua função na frente cultural do combate contra a burguesia, contra o capitalismo e o imperialismo, pela dignificação do homem e da personalidade nacional, pela felicidade, pela justiça, pela solidariedade e pela Paz.

Moçambique inclui em sua história inúmeras formas de resistência ao domínio monopolizante, tanto durante quanto após a colonização. O termo pós-colonial geralmente é utilizado para designar as manifestações culturais e políticas surgidas no

período pós-independência das colônias com relação à metrópole. Os estudos pós-colonialistas discutem e retratam o desenvolvimento do processo de descolonização em sua totalidade, considerando os diferentes momentos históricos: o passado colonial da nação em questão, a fase de libertação da metrópole e, enfim, o fim do processo de descolonização.

Fonseca e Moreira (2007, p. 48) dividem o processo de construção da literatura produzida em Moçambique em três fases: a colonial, a nacional e a pós-colonial. “Na fase colonial destacam-se, como precursores da literatura moçambicana, autores como Rui de Noronha, João Dias, Augusto Conrado e Luís Bernardo Honwana. Entre eles merece realce Rui de Noronha” (FONSECA; MOREIRA, 2007, p. 48)

Podemos observar que na fase posterior, a nacionalista, vislumbra-se a produção de uma “literatura política e de combate”, que foi produzida, principalmente, por escritores que militavam na Frente de Libertação de Moçambique (FRELIMO), com destaque para Marcelino dos Santos, Rui Nogar e Orlando Mendes: “Essa literatura preocupa-se especialmente com comunicar uma mensagem de cunho político e, algumas vezes, partidário. Sobressaem-se, do ponto de vista estético, as obras *Portagem* (1965), de Orlando Mendes, e *Silêncio escancarado* (1982), de Rui Noga” (FONSECA; MOREIRA, 2007, p. 51).

Essa fase é marcada pela valorização cultural e nacional que delineia um percurso para a independência, dado o processo de conscientização política da sociedade moçambicana. Cabaço (2009) destaca que

A literatura, pela denúncia ficcional das iniquidades, das humilhações e das brutalidades da ocupação, alimentou na imaginação dos nacionalistas urbanos a utopia de um amanhã de liberdade que se anunciava. Se as angústias do colonizado são descarnadas na prosa de João Dias e, mais tarde, de Luís Fernando Honwana, é nos poemas de José Craveirinha, Noémia Sousa, Rui Nogar, Orlando Mendes, Fonseca Amaral, Kalungano e tantos outros que a utopia da “nação” vai ganhando contornos, emoções. Os poemas dessa geração tornam-se trampolim para uma visão mais profunda da realidade a combater (CABAÇO, 2009, p. 268).

O terceiro período da divisão elaborado por Fonseca e Moreira (2007), a fase pós-independência ou pós-colonial, afasta-se do coletivo praticado em fases anteriores. A individualidade e o intimismo se configuram como tônica dos autores deste período nos relatos da vivência pós-colonial. Entre os escritores destacados pelas estudiosas,

estão Ungulani Ba Ka Khosa, Mia Couto, Luís Carlos Patraquim, Paulina Chiziane, Suleiman Cassamo e Lília Momplé.

Essa literatura pertencente ao continente africano tem as bases voltadas para o processo anticolonial no sentido de combater o preconceito racial e buscar medidas para valorização das raízes raciais e das tradições ancestrais. É nessa perspectiva que “[...] a literatura, instrumento de libertação e arma de guerra, precisa descrever, criticar, projetar, ensinar [...] chamada de engajada, de protesto, é um epítome da essência, existência e ethos de um povo que ainda está para ser livre” (OJO-ADE, 2006, p. 251).

A partir do período de pós-independência, as nações africanas buscaram uma literatura que se afastasse dos modelos europeus para que fosse possível expressar a identidade do povo africano. As escritas, nesse período de descolonização, buscavam desconstruir a imagem negativa do africano imposta pelo europeu. Nesse período, alguns nomes importantes para a formação da independência africana são de escritores moçambicanos, como: Orlando Mendes, Jorge Viegas, Mia Couto e Sebastião Alba.

A presença da mulher como protagonista da escrita, principalmente da mulher negra, é uma grande conquista social para minimizar os impactos do preconceito racial e de gênero. As mulheres, como escritoras, tiveram e têm a oportunidade de resgatar o feminino por meio de diversos segmentos sociais, que antes a colocaram em posição de subordinação, e dar voz e identidade a todas as mulheres que foram anuladas, humilhadas, discriminadas e por muito tempo silenciadas.

Atualmente, a literatura africana busca a valorização e o resgate cultural de cada povo do continente, cumprindo, assim, a valorização do processo intercultural por meio da literatura. Nesse contexto, insere-se a obra analisada neste trabalho, *O Alegre canto da perdiz*, escrita pela primeira autora moçambicana, Paulina Chiziane.

A representação histórica e cultural de Moçambique na escrita de Paulina Chiziane em *O alegre canto da perdiz*

Chiziane, escritora negra de origem humilde e primeira mulher moçambicana a publicar um romance, nasceu, em 1955, em Moçambique, e foi criada nos subúrbios de Lourenço Marques (hoje Maputo) em uma família de protestantes. Ainda jovem, militou pela FRELIMO, tendo deixado o partido anos depois por discordâncias com os

rumos tomados por ele ao longo dos anos, e devido ao silenciamento das mulheres que participaram ativamente do processo de independência. A escritora iniciou a sua carreira literária, em 1984, com a obra *Balada de amor ao vento* (2003), e percorreu um longo caminho até se firmar como escritora. Sua literatura está profundamente ligada às raízes da cultura local e aborda temas femininos em um país em que a atividade literária é desenvolvida majoritariamente por homens. Em 2003, a autora dividiu o primeiro prêmio “José Craveirinha de Literatura” com o escritor Mia Couto.

Foi divulgado pela Biblioteca Nacional⁵, em 20 de outubro de 2021, Paulina Chiziane conquistou o Prêmio “Camões de Literatura”. Em 33 anos de existência, o prêmio, um dos principais do mundo, nunca havia eleito uma mulher negra vencedora. A honraria foi atribuída a Chiziane após decisão unânime do júri, ao considerar a sua vasta produção e recepção crítica, bem como o crescente reconhecimento acadêmico e institucional da sua produção literária.

Dividida em trinta e cinco capítulos, a trama de *O alegre canto da perdiz* (2008), o quinto livro da escritora moçambicana, narra a saga das personagens Delfina e Maria das Dores, mãe e filha respectivamente, e de várias outras personagens femininas durante o período colonial e pós-colonial. A ação dessas personagens, no decorrer da narrativa, aponta para a construção de um discurso feminino que desnuda a situação a que a mulher negra foi submetida, principalmente durante a colonização, e os efeitos na pós-colonização. Chiziane, no ato da criação literária, reconstrói, ressignifica a origem do seu povo, da história da África e do feminino, abordando temas pertinentes, como o racismo, a assimilação e miscigenação, a ambição e conflitos entre raças e sexo, as contradições da vida, o arrependimento, o reencontro e a reconciliação

Sobre a mulher no sistema colonial, Boahen (2010) menciona a “deterioração da situação da mulher africana” e afirma:

[...] parece não haver dúvidas de que ela foi excluída da maioria das atividades introduzidas ou intensificadas pelo colonialismo, como a educação e a agricultura exportável em algumas partes da África, várias profissões, como o direito, a medicina, a mineração etc. Em consequência dessa exclusão, mal lhe foi concedido um lugar na nova estrutura política colonial. Mesmo nas sociedades matrilineares, devido em parte à difusão do islamismo e também à nova ênfase dada à realização individual, algumas famílias

⁵ BIBLIOTECA NACIONAL. **Prêmio Camões de Literatura**. Disponível em: <https://www.bn.gov.br/explore/premios-literarios/premio-camoes-literatura>. Acesso em: 01 de março de 2022.

começaram a adotar o sistema patrilinear. O mundo colonial, como salientou Iliffe, era de fato um mundo de homens, onde as mulheres não eram estimuladas a desempenhar um papel importante (BOAHEN, 2010, p. 943).

A obra *O Alegre canto de perdiz* foi publicada, em 2008, pela Editora Portuguesa Caminho. Relata a realidade dos efeitos da colonização no povo moçambicano, colocando como foco o protagonismo feminino. Ao longo da obra, Chiziane (2008) resgata a memória histórica e cultural do país durante o processo de opressão do sistema europeu:

Os marinheiros civilizavam o povo arrancando-lhes os olhos da cara. Cristianizavam fornicando as mulheres nas matas. Construíram o novo mundo com espadas, canhões e chicote. Pacificaram a terra arrancando a língua da boca. O chefe dos marinheiros gritava aos quatro ventos: esse é ladrão, prendam-no. Esse é forte, acorrentem-no, vendam-no. Esse é teimoso, matem-no. Esses são venenosos, são lúcidos, pensam, conspiram, alcoolizem-nos. São todos vaidosos, preguiçosos, vadios, mentirosos, escravizem-nos (CHIZIANE, 2008, p. 70).

A poética de Paulina Chiziane busca dar voz à mulher, pois nem sempre as mulheres africanas podiam escrever suas histórias. Além do preconceito racial enraizado na cultura africana, pelo processo de colonização, as mulheres também eram submetidas ao preconceito de gênero. Dessa forma, Chiziane resgata a tradição e as crenças do povo africano e principalmente da mulher que por muito tempo foi inferiorizada e submetida a viver às margens de uma sociedade machista e patriarcal.

O estilo literário de Chiziane retrata a condição da mulher moçambicana, narrando o feminino a partir de diversos conflitos que norteiam a sociedade moçambicana patriarcal. Nesse processo, a autora retrata:

A poligamia tem todos os males, lá isso é verdade, as mulheres disputam pela posse do homem, matam-se, enfeitçam-se, não chegam a conhecer o prazer do amor, mas tem uma coisa maravilhosa: não há filhos bastardos nem criança sozinha na rua. Todos têm um nome, um lar, uma família. Não há nada mais belo neste mundo que um lar para cada criança. Por um lado, prefiro a poligamia, mas não, a poligamia é amarga. Ter o marido por turnos, dormindo aqui e ali, noite lá, outra acolá, e, quando chega o meio-dia e prova a comida de quem não gosta diz logo que não tem sal, que não tem gosto. Quando à noite a mulher reclama, diz que a cama cheira a urina de bebê, e lá se vai furtando aos seus

deveres. Com a poligamia, com a monogamia ou mesmo solitária, a vida da mulher é dura (CHIZIANE, 2008, p. 137).

Ainda, em *O alegre canto da perdiz*, a autora também aborda a questão da miscigenação racial, trazendo à tona os efeitos dessa questão para o imaginário social do povo moçambicano. Esse processo gerou a subalternação do negro, e colocou os brancos e os mestiços em ascensão social. “Nunca são presos ou maltratados, são livres, andam à solta. Um dia também serão patrões e ocuparão o lugar dos pais [...]. Felizes as mulheres que geram filhos de peles claras porque jamais serão deportados.” (CHIZIANE, 2008, p. 97). Dessa forma, para o mestiço, há uma esperança de um futuro melhor, enquanto para o filho negro desmerecimento devido a sua própria cor.

Na obra, a personagem Delfina tem duas filhas, a negra Maria das Dores e a mestiça Maria Jacinta. A partir dos elementos da narrativa, Chiziane evidencia que a vida das mulheres negras é marcada pela constante necessidade de readaptação e reafirmação de sua identidade. Por meio das personagens e de seus conflitos, ao longo da história, é possível identificar os estereótipos europeus atribuídos à mulher durante o processo de colonização.

O colonialismo incubou e cresceu vigorosamente. Invadiu os espaços mais secretos e corrói todos os alicerces. Já não precisa de chicote nem da espada, e hoje se veste de cruz e silêncio. Impregnou-se na pele e nos cabelos das mulheres, assíduas procuradoras da clareza epidérmica, na imitação de uma raça. As bocas das mães negras expelem raivas contra o destino e perdem a melhor energia na fútil reprodução de um deus perfeito. Trinta anos de independência e as coisas voltam para trás. Os filhos dos assimilados ressurgem violentos e ostentam ao mundo o orgulho da sua casta. O colonialismo já não é estrangeiro, tornou-se negro, mudou de sexo e tornou-se mulher. Vive no útero das mulheres, nas trompas das mulheres e o sexo delas se transformou em ratoeira para o homem branco (CHIZIANE, 2008, p. 226).

A voz que ecoa em *O alegre canto da perdiz* (2008) se projeta, redimensiona o discurso da mulher e pode se fazer ouvir com o objetivo de mimetizar a realidade moçambicana pela ficção, em uma relação ambivalente com o real, que, por contiguidade, dialoga com o contexto histórico, mítico, econômico, social de classe ou de dominação. Além disso, podemos dizer que Chiziane tem um lugar de fala, e vai além, ela dá voz a essa personagem, que denuncia como a mulher negra era tratada,

estereotipada, marginalizada pela sociedade branca portuguesa e, às vezes, pelas próprias mulheres negras.

Ao analisar a narrativa Chiziane, em *O alegre canto da perdiz* (2008), percebemos que a história é ambientada em um contexto colonial, em que o romance, por meio das vozes articuladas, expressa suas construções discursivas que reconfiguram as identidades sociais do povo moçambicano.

De acordo com Ribeiro (2017), o racismo, como protagonista de um cenário social, isolou a mulher negra e a reduziu a um corpo inexpressivo. Porém, não quer dizer que essa mulher negra não tivesse tentado falar, ela só não foi ouvida. A obra repensa qual é o lugar de fala dessas mulheres presentes nos feminismos debatidos, apontando que não discutir esse múltiplo que vai além da mulher branca, cis e de classe média é silenciar os anseios de uma parcela considerável de mulheres que historicamente são colocadas na penumbra da “inexistência”, como é o caso da narrativa *O alegre canto da perdiz* (2008), em que Chiziane apresenta uma mulher negra protagonista, com pensamentos livres, encontrando caminhos para ascender, mesmo fazendo parte de uma maioria subalternizada.

Segundo Hall (2011), uma das dimensões críticas das lutas anticoloniais, no contexto dos países de colonização portuguesa, encontramos no campo da literatura. Dentro dele, a poesia exerceu uma função política de repúdio à situação colonial e reivindicação de autonomia política, em meio a contatos interculturais marcados por relações objetificantes, pautadas pelo binarismo superior *versus* inferior, sujeito *versus* objeto, produzidos pela própria situação colonial. E é isso que Chiziane faz em *O alegre canto da perdiz* (2008), usa a narrativa como instrumento de resistência e reivindicação política, para mostrar o legado do colonialismo e para mostrar que o povo moçambicano, e, principalmente, as mulheres negras foram, são e serão resistência.

Considerações finais

Neste breve espaço, observamos que a literatura de Paulina Chiziane busca representar em sua obra *O alegre canto da perdiz* os efeitos da colonização portuguesa em Moçambique, especialmente na vida da mulher negra. Por meio da vida e dos pensamentos das personagens femininas, a autora reconhece como o feminino foi subalternizado durante o processo de colonização. Além disso, o estilo poético da

autora representa os modelos de opressões e os sentimentos dos oprimidos durante o regime colonial.

Considerando os aspectos da escrita de Chiziane, compreendemos o poder simbólico de representar o discurso de resistência à colonialidade, via a literatura. A poética presente na obra *O Alegre canto da perdiz dá voz* aos excluídos para adentrar em uma nova era de possibilidades para o povo moçambicano ressignificar a sua história.

Levando em consideração que os modelos europeus ainda influenciam o imaginário e a identidade do povo africano, a literatura de Paulina Chiziane busca desconstruir essa visão europeia e também resgatar a identidade do povo moçambicano a partir das diferentes linguagens e discursos que encontramos na obra.

Referências

BOAHEN, Albert Adu. **O colonialismo na África: impacto e significação**. História geral da África, VII: África sob dominação colonial, 1880-1935. 2.ed. Brasília: UNESCO, 2010.

BRAIT, Beth. **A personagem**. São Paulo: Ática, 2012.

BIBLIOTECA NACIONAL. **Prêmio Camões de Literatura**. Disponível em: <https://www.bn.gov.br/explore/premios-literarios/premio-camoes-literatura>. Acesso em: 01 de mar. 2022.

CABAÇO, José Luís. **Moçambique: identidade, colonialismo e libertação**. São Paulo: UNESP, 2009.

CHIZIANE, Paulina. **O alegre canto da perdiz**. Lisboa: Caminho, 2008.

FONSECA Maria Nazareth Soares; MOREIRA, Terezinha Taborda. Panorama das literaturas africanas de língua portuguesa. In: **Caderno CESPUC de Pesquisa**. Belo Horizonte, n.17, p. 13-69, set. 2007. Disponível em: <http://periodicos.pucminas.br/index.php/cadernoscespuc/article/view/14767/11446>. Acesso em: 10 nov. 2021.

HALL, Stuart. **Da Diáspora: Identidades e mediações culturais**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2011.

LEITE, Ana Mafalda. **Oralidades e escritas pós-coloniais: estudos sobre literatura africana**. Rio de Janeiro: EDUERJ, 2012.

LEITE, Ana Mafalda. **Oralidades e escritas nas literaturas africanas**. Lisboa: Edições Colibri, 1998.

Mendes, O. **Sobre Literatura Moçambicana**. Maputo: Instituto Nacional do Livro e do Disco, 1980.

OJO-ADE, Femi. **Negro: raça e cultura**. Coordenação e tradução Ieda Machado Ribeiro dos Santos. Salvador: EDUFBA, 2006.

RIBEIRO, Djamila. **O que é lugar de fala?** Belo Horizonte: Letramento: Justificando, 2017.